

- ◆ **Fórum Permanente de Debates:** Para contribuir na formação política dos estudantes. Discutindo temas como: opressões, cotas, universidade, dentre outros.
- ◆ **Atividades de valorização e incentivo da arte e da cultura popular** (exposições, apresentações teatrais, musicais, filmes etc.)
- ◆ **Lutar pelo Passe Livre no sistema de transportes**
- ◆ **Abaixo a Reforma Universitária do Governo Lula:** Contra a precarização e a mercantilização da educação.
- ◆ **Jornada de Lutas pelo R.U. para todos, a preço de custo.**
- ◆ **Jornada de Lutas contra a privatização da educação:** Abaixo as taxas e os cursos pagos na UFAL.
- ◆ **Garantir autonomia política do DCE em relação a Reitoria.**
- ◆ **Movimento Estudantil autônomo e classista:** Não à partidarização do M.E. e todo apoio à luta dos trabalhadores, pois eles são os agentes da transformação social.
- ◆ **Aproximação do movimento estudantil aos demais movimentos sociais e sindicais:** Organização de estágios interdisciplinares de vivência em movimentos sociais.
- ◆ **Romper com a UNE e avançar na luta:** Contra a cooptação e burocratização dos movimentos sociais.
- ◆ **Debater a construção da Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes - CONLUTE**
- ◆ **Fortalecer as Entidades de Base** (Ca' s e Da' s)

**Nenhuma ilusão nas eleições parlamentares,
só a luta pode construir uma sociedade justa e igualitária**

I N T E G R A N T E S

Coordenação Geral

Geice Queila (C. Sociais)
Lee Flôres (Letras)
Rafael "Falkon" (Biologia)

Coord. Administrativa

Davi Menezes (História)
Diego "Timbú" (Medicina)
Gabriel "Bolinha" (C. Sociais)

Assessoria Jurídica

Eli Mário (Direito)
Emmanuel Torres (Direito)
Saulo Pereira (Direito)

Coordenação da Área I

Francisco "Kiko" (Química)
Livia Lima (Eng. Química)
Max "Maradona" (Agrimensura)

Coordenação do CCBI

Clay Ewerthon (Biologia)
Luciana "Nêga" (Biologia)

Secretaria Geral

Anderson Vieira (História)
Flávio Falcão (Medicina)
Jhonatan "Gaio" (Biologia)

Coord. de Comunicação

Airton de Souza (História)
Lara Tapety (Comunicação)
Natália Julieta (Computação)

Movimentos Sociais

Ellen Moraes (C. Sociais)
Henrique Bezerra (C. Sociais)
Sérgio da Silva (C. Sociais)

Coordenação da Área II

Cadu "Pinky" (Medicina)
Reinaldo Luna (Medicina)
Talita Kumy (Nutrição)

Coordenação do CECA

Lucas Menezes (C. Sociais)
Rômél Vilela (Agricultura)

Secretaria de Finanças

Carla Caroline (Nutrição)
Francine Lopes (S. Social)
Klebson Porfirio (C. Sociais)

Assistência Estudantil

Juliana Araújo (S. Social)
Lays Medeiros (S. Social)
Liana Barradas (S. Social)

Eventos Culturais

Ivan Freitas (Letras)
Kyvia Murta (C. Sociais)

Coordenação da Área III

Alice Maria (C. Sociais)
Bruna Cabral (C. Sociais)
David José (História)

Coord. do Espaço Cultural

Amanda Vanessa (C. Sociais)
Louise Caroline (C. Sociais)

ELEIÇÕES DCE - UFAL 2006 08/09 de Agosto

ALÉM DO MITO

POR UM DCE COMBATIVO E AUTÔNOMO

alem_do_mito@yahoo.com.br

CHAPA 3

Universidade, a serviço de quem?

A universidade é um espaço fundamental na disputa e construção de um outro projeto de sociedade. Compreendemos que ela deve pensar e planejar uma sociedade justa, onde seja finda a exploração do homem pelo homem. A universidade deve estar ao lado dos que trabalham para produzir a riqueza social pautada na luta pela vida digna e livre, tendo como paradigmas o **bem-estar humano e a sustentabilidade do meio ambiente**. Mas o que encontramos na prática não é isso.

- Alagoas é o Estado com os **piores índices sociais do Brasil**,
- herança da submissão ao **coronelismo dos barões do açúcar**.
- Graças aos coronéis temos um nível altíssimo de miséria no campo. A expropriação dos pequenos produtores pelo latifúndio canavieiro, aliada à precarização e à desumanização do trabalho rural, provocou a inchação da população socialmente excluída e, conseqüentemente, o aumento da miséria e da violência na capital.

A despeito desse quadro, sabemos que a UFAL forma alunos para atender exclusivamente às demandas do mercado, situando as demandas sociais em segundo plano. O curso de Agronomia volta-se para as exigências do setor sucro-alcooleiro, desprezando as necessidades dos pequenos agricultores do interior do Estado, que são os que produzem alimentos para consumo da população. No curso de Biologia, pouco se fala das implicações e razões sociais do desequilíbrio ambiental. Em Jornalismo, os estudantes são formados para a grande mídia. Em cada curso ofertado pela UFAL, esta realidade se reproduz em maior ou em menor grau.

É notório que boa parte da pesquisa da Universidade Federal alagoana está vinculada aos interesses de alguma empresa, recebendo, na maioria das vezes, financiamento direto desta. **E sabemos que quem paga manda.** O objetivo de lucro passa a nortear a produção científica: aos problemas sociais, nem de longe são levados em conta. Não somos contra a ciência, que fique claro, mas precisamos compreender que a produção científica **não está desatrelada de**

interesses. É um erro crer no mito do desenvolvimento a serviço da humanidade. A tecnologia pensada para o grande latifúndio certamente não favorece o pequeno agricultor.

As **PPP's (Parcerias Público-Privadas)** são um dos pontos mais importantes da Reforma Universitária que o Governo Lula vem tentando implementar, contando com a subserviência de administrações complacentes e o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE). Esta reforma põe abaixo, principalmente, o caráter social da produção científica e a responsabilidade do governo federal em financiar o ensino público.

A reitoria da UFAL muito se orgulha de ter realizado, durante o ano de 2004, um seminário para discutir a Reforma Universitária. Foram trazidos professores renomados e produziu-se até um livro. Nos debates, evidenciou-se, no entanto, o **caráter extremamente nocivo da reforma**, nos moldes que foram propostos, para a Universidade Pública. Na contramão, a nossa reitoria segue à risca os indicativos do MEC: financia boa parte da universidade com taxas, estimula como nunca as PPP's e parte para abertura cada vez maior de cursos de pós-graduação pagos. A postura comodista e governista da Instituição foi simbolizada ainda pela entrega de medalhas de honra a figuras como João Lyra e Fernando Collor, mostrando bem a quem a Universidade se preocupa em agradar.

Para **barrar a Reforma Universitária** e mudar a universidade que temos, é preciso lutar e exigir dos que tentam implementá-la em nossa casa uma postura de embate. E, visto que encontramos este quadro privatista em todas as universidades do Brasil, é extremamente necessário unir forças com os que também lutam em outros Estados, em busca de uma mudança plena de conjuntura. Caso contrário, assistiremos passivos ao esfacelamento do ensino público brasileiro e ao crescimento das vias de dominação das elites.

Movimento Estudantil: organização e luta ou fábrica de carreiristas?

Tornou-se algo comum pensar que não faz mais sentido lutar por um mundo justo, que o Movimento Estudantil, por exemplo, é algo do passado - do tempo dos nossos pais - e que os poucos que ainda se mantêm nessa luta estão arrebatados por certa nostalgia dos movimentos havidos durante a Ditadura Militar. Porém, o que a realidade nos mostra é que a batalha por **uma sociedade em que a liberdade e a igualdade sejam concretas**, e não meramente abstratas, é uma necessidade imperativa diante das visíveis contradições a que o sistema vigente nos submete.

Na verdade, deslegitimar as lutas sociais ou simplesmente **lhes suprimir o caráter contestatório** é parte integrante da concepção de mundo dominante, a qual só vem se fortalecendo. Assim, declara-se o "fim

restringe o mesmo a guetos. Efetivar uma luta maior pela emancipação humana significa implementar na prática a **oposição à homofobia, ao racismo e ao machismo**, precedidos de teoria e discussões sólidas e amplas. Neste sentido, compreendemos que o debate sobre opressões deve se tornar uma das prioridades do Movimento Estudantil, colocando-o na pauta do dia, sem esquecer que é necessário compreender as especificidades que norteiam as questões da opressão. A crítica e a luta devem ser diárias!

Assistência Estudantil

A universidade está inserida em um sistema contraditório, que reflete as desigualdades sociais. Neste sentido, criar condições para os estudantes desfavorecidos, que proporcionem sua permanência e desenvolvimento qualitativo na academia é **função obrigatória da universidade**, para que esta cumpra parte de sua função social. Por isso a luta pela assistência estudantil deve ser uma prioridade, visto que há uma gradativa redução financeira para este tipo de política, seguindo a lógica de privatização do ensino superior.

Na Ufal podemos observar exemplos claros desta realidade, como escassez de bolsas (trabalho, extracurriculares, monitorias e estágios), cobrança de taxas acadêmicas, condições precárias e excludentes do Restaurante Universitário (RU) e da Residência Universitária. Como não bastasse esta situação desfavorável, a Gestão da reitora Ana Dayse em agosto do ano passado tentou dar um golpe ainda mais duro nos estudantes, propondo a extinção da pró-reitoria estudantil (PROEST), proposta esta que **só não foi concretizada graças à mobilização dos estudantes**, e sua pressão no Conselho Universitário.

A assistência estudantil foi o nosso principal ponto da pauta de reivindicações defendida na mais recente luta travada pelo Movimento Estudantil da Ufal, a ocupação da reitoria, ocorrida no final do ano passado. Nesta luta, o comando de mobilização estudantil, no qual atuamos ativamente, arrancou o comprometimento (em juízo) da reitoria em abrir 300 novas vagas no RU e em elaborar um projeto de ampliação do restaurante para todos a preço de custo, que deveria ter sido apresentado em junho de 2006. Hoje a reitoria não fala mais em ampliação para todos, e o movimento estudantil, apático nos últimos meses, não faz nada contra isso. É preciso mobilização para a ampliação do RU à toda a comunidade acadêmica e para uma assistência estudantil de verdade!

Nossas Propostas

Diante do estado de desmobilização do M.E., e do cenário econômico e político desfavorável à realização de maiores lutas na sociedade propomos:

Para nós, do grupo Além do Mito, acabar com o abismo entre os estudantes e o movimento estudantil não são meras palavras ao vento, demagogia que se esvazia diante da prática: é, antes de tudo, uma **questão de sobrevivência**. Se colocar diante desta imensa tarefa é um desafio que exige um **olhar crítico** para a história do movimento estudantil.

Neste sentido, compreendemos que a necessidade de reorganização do M.E. é uma luta não apenas local, mas também de âmbito nacional, pois a UNE (União Nacional dos Estudantes) tem demonstrado estar claramente atrelada ao governo Lula, “redobrando a aposta no mesmo”, atuando como obstáculo às lutas dos estudantes, as quais vêm sendo, há muito tempo, construídas por fora dessa entidade. Portanto, para encampar lutas reais, é necessário romper com a UNE, pensamento compartilhado por muitos outros grupos estudantis de todo o País. Como alternativa para luta nacional apresenta-se a **Conlute** (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes), ainda em construção, sendo um espaço de organização e luta fora dos entraves políticos e burocráticos da governista UNE. Nisto, devemos tomar cuidado para não repetimos na Conlute os erros históricos da UNE.

Enquanto vários setores do movimento estudantil estão compromissados com a defesa do governo Lula, ou com a eleição de outros algozes, nós compreendemos que **as lutas são construídas e decididas nas ruas e fábricas, não no parlamento**. A centralidade da luta encontra-se na organização autônoma e direta de trabalhadores e estudantes, a partir de seus próprios espaços, contra o governismo e contra o neoliberalismo que segue tolhendo os seus direitos.

Assim, nossa luta pela educação voltada aos interesses da classe trabalhadora está aliada à luta **contra o Capital**, à luta pela emancipação humana. Portanto, afastar-se do carreirismo, da partidarização (o que não implica ser contrário à participação de partidos/organizações políticas nos movimentos sociais) e do atrelamento ao Estado são pontos de partida para a construção de um campo autônomo e legítimo de reivindicações estudantis. Apenas com suor, debates e organização abandonaremos o posto de meros objetos e passaremos a intervir concretamente, transformando a realidade como sujeitos ativos de nossa história.

Opressões

A discussão de gênero, etnia e sexualidade são imprescindíveis para o M.E. A partir do momento que a luta é em defesa de uma sociedade livre, luta-se também contra todas as opressões impostas historicamente. Partindo do pressuposto de que o M.E. deve estar articulado com a luta da classe trabalhadora, a discussão dessas opressões deve ter sempre um **viés classista**. Salvo algumas exceções, o M.E. não aprofunda estes debates, ou

da história”. A falta de perspectivas mais amplas e da possibilidade de usufruir-se uma vida plena, na qual dominemos as nossas existências individuais e coletivas, restam evidentes quando nos deparamos com a **apatia**, o **comodismo** e, sobretudo, o **individualismo** levado às suas últimas conseqüências. Esse é o quadro da vida social que temos hoje, que se faz presente em todos os espaços, inclusive nas escolas e universidades.

Mas não chegamos a essa situação por mero acaso, e sim por um processo concreto de transformação humana da realidade. De acordo com as possibilidades históricas (inclusive de produção do conhecimento), procuramos fazer do mundo o reflexo de nossas aspirações. E, a partir da análise dos nossos erros e acertos, podemos identificar com maior clareza as ações que devem ser assumidas com vistas à **emancipação humana** e ao **fim da exploração do trabalho**.

Nós, estudantes, não podemos desconsiderar em momento algum a desigualdade social existente, nem ignorar que o privilégio e o luxo são construídos sobre a miséria e opressão da maioria da população. Desprezar tais questões significa perder-se pelo caminho, fazendo o que o imediato e o superficial nos indicam, não discutindo mais a fundo, nem parando para refletir, acerca da conjuntura que se apresenta. Significa viver uma existência meramente reprodutiva, autômata.

O Movimento Estudantil (M.E.), enquanto movimento específico de determinada categoria social, sempre desempenhou importante papel na luta por uma sociedade justa. Em diversos momentos os estudantes organizados protagonizaram situações de grande valia para a construção de um mundo novo.

Porém, na UFAL, o M.E. está em baixa, encontrando enormes dificuldades para articular-se em conjunto. Os CA's e DA's não conseguem se articular para, conjuntamente, bancarem as lutas e reivindicações. Isso foi agravado após o conturbado último processo eleitoral para o DCE, marcado pela sua interrupção no segundo dia e pela impugnação de uma das chapas em Assembléia Geral Estudantil, todas estas conturbações desembocaram no não atingimento do *quorum* necessário quando da retomada das votações. O DCE vem sendo gerido de modo compartilhado, na ausência de Diretoria eleita.

A desarticulação do M.E., aliada ao quadro geral que perpassa a Universidade, contribui para que a maioria dos alunos adote uma postura de **ceticismo e desconfiança**. A estreiteza do cotidiano institucional se sobrepõe a qualquer voz dissonante. Todos os que insistem em transformar radicalmente a nossa realidade vêm sendo postos na **vala comum do oportunismo** e, finalmente, a universidade se transforma em um cortejo majoritário de indiferença.

Para nós, do grupo Além do Mito, acabar com o abismo entre os estudantes e o movimento estudantil não são meras palavras ao vento, demagogia que se esvazia diante da prática: é, antes de tudo, uma **questão de sobrevivência**. Se colocar diante desta imensa tarefa é um desafio que exige um **olhar crítico** para a história do movimento estudantil.

Neste sentido, compreendemos que a necessidade de reorganização do M.E. é uma luta não apenas local, mas também de âmbito nacional, pois a UNE (União Nacional dos Estudantes) tem demonstrado estar claramente atrelada ao governo Lula, “redobrando a aposta no mesmo”, atuando como obstáculo às lutas dos estudantes, as quais vêm sendo, há muito tempo, construídas por fora dessa entidade. Portanto, para encampar lutas reais, é necessário romper com a UNE, pensamento compartilhado por muitos outros grupos estudantis de todo o País. Como alternativa para luta nacional apresenta-se a **Conlute** (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes), ainda em construção, sendo um espaço de organização e luta fora dos entraves políticos e burocráticos da governista UNE. Nisto, devemos tomar cuidado para não repetimos na Conlute os erros históricos da UNE.

Enquanto vários setores do movimento estudantil estão compromissados com a defesa do governo Lula, ou com a eleição de outros algozes, nós compreendemos que **as lutas são construídas e decididas nas ruas e fábricas, não no parlamento**. A centralidade da luta encontra-se na organização autônoma e direta de trabalhadores e estudantes, a partir de seus próprios espaços, contra o governismo e contra o neoliberalismo que segue tolhendo os seus direitos.

Assim, nossa luta pela educação voltada aos interesses da classe trabalhadora está aliada à luta **contra o Capital**, à luta pela emancipação humana. Portanto, afastar-se do carreirismo, da partidarização (o que não implica ser contrário à participação de partidos/organizações políticas nos movimentos sociais) e do atrelamento ao Estado são pontos de partida para a construção de um campo autônomo e legítimo de reivindicações estudantis. Apenas com suor, debates e organização abandonaremos o posto de meros objetos e passaremos a intervir concretamente, transformando a realidade como sujeitos ativos de nossa história.

Opressões

A discussão de gênero, etnia e sexualidade são imprescindíveis para o M.E. A partir do momento que a luta é em defesa de uma sociedade livre, luta-se também contra todas as opressões impostas historicamente. Partindo do pressuposto de que o M.E. deve estar articulado com a luta da classe trabalhadora, a discussão dessas opressões deve ter sempre um **viés classista**. Salvo algumas exceções, o M.E. não aprofunda estes debates, ou

da história”. A falta de perspectivas mais amplas e da possibilidade de usufruir-se uma vida plena, na qual dominemos as nossas existências individuais e coletivas, restam evidentes quando nos deparamos com a **apatia**, o **comodismo** e, sobretudo, o **individualismo** levado às suas últimas conseqüências. Esse é o quadro da vida social que temos hoje, que se faz presente em todos os espaços, inclusive nas escolas e universidades.

Mas não chegamos a essa situação por mero acaso, e sim por um processo concreto de transformação humana da realidade. De acordo com as possibilidades históricas (inclusive de produção do conhecimento), procuramos fazer do mundo o reflexo de nossas aspirações. E, a partir da análise dos nossos erros e acertos, podemos identificar com maior clareza as ações que devem ser assumidas com vistas à **emancipação humana** e ao **fim da exploração do trabalho**.

Nós, estudantes, não podemos desconsiderar em momento algum a desigualdade social existente, nem ignorar que o privilégio e o luxo são construídos sobre a miséria e opressão da maioria da população. Desprezar tais questões significa perder-se pelo caminho, fazendo o que o imediato e o superficial nos indicam, não discutindo mais a fundo, nem parando para refletir, acerca da conjuntura que se apresenta. Significa viver uma existência meramente reprodutiva, autômata.

O Movimento Estudantil (M.E.), enquanto movimento específico de determinada categoria social, sempre desempenhou importante papel na luta por uma sociedade justa. Em diversos momentos os estudantes organizados protagonizaram situações de grande valia para a construção de um mundo novo.

Porém, na UFAL, o M.E. está em baixa, encontrando enormes dificuldades para articular-se em conjunto. Os CA's e DA's não conseguem se articular para, conjuntamente, bancarem as lutas e reivindicações. Isso foi agravado após o conturbado último processo eleitoral para o DCE, marcado pela sua interrupção no segundo dia e pela impugnação de uma das chapas em Assembléia Geral Estudantil, todas estas conturbações desembocaram no não atingimento do *quorum* necessário quando da retomada das votações. O DCE vem sendo gerido de modo compartilhado, na ausência de Diretoria eleita.

A desarticulação do M.E., aliada ao quadro geral que perpassa a Universidade, contribui para que a maioria dos alunos adote uma postura de **ceticismo e desconfiança**. A estreiteza do cotidiano institucional se sobrepõe a qualquer voz dissonante. Todos os que insistem em transformar radicalmente a nossa realidade vêm sendo postos na **vala comum do oportunismo** e, finalmente, a universidade se transforma em um cortejo majoritário de indiferença.